

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

FABIANA SOARES DA SILVA

**NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS
NA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

Belo Horizonte
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

FABIANA SOARES DA SILVA

**NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS
NA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado de
Graduação em Artes Visuais da
Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas
Gerais, como requisito parcial
para a obtenção do título de
Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^ª. Rosvita Kolb
Bernardes

Belo Horizonte
2018

AGRADECIMENTO

Em toda caminhada existem objetivos, mas não temos o controle sobre onde, como e quando de fato iremos alcançá-los. Porém, temos a certeza que em todos os percursos feitos durante a vida, nos relacionamos com uma infinidade de pessoas. Mas, são poucas as que permanecem de alguma maneira na nossa história.

Em especial uma delas, a sua presença por mim é sentida como força plena, que acalma, energiza e me faz ter a esperança de dias melhores. À Deus sou grata por me revigorar, me fazer acreditar e possibilitar mais essa conquista em minha vida.

Existem também aquelas pessoas, que nos acompanham desde sempre, e continuarão independentemente da situação. À minha família sempre serei grata pelo apoio, incentivo e compreensão.

Já outras pessoas, ficam apenas por alguns consideráveis momentos, e mesmo não querendo precisam partir. À todos os meus queridos (in memoriam), meu eterno obrigado.

E tem aquelas pessoas que surgem no meio do trajeto, e se incorporam a nossa história. Aos meus amigos de curso, agradeço por toda gentileza, colaboração e momentos de descontração. Desejo que essa amizade vá além do universo acadêmico.

E também há pessoas que somam com a gente, se doam, enxergam potenciais onde não percebemos, e nos engrandece. Ao corpo docente da Universidade Federal de Minas Gerais, em especial os professores da Licenciatura em Artes Visuais, meu muito obrigado, por todos ensinamentos, diálogos e reflexões.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
MAPA I	8
2.1 - O caderno, os desenhos e as letras	8
2.2 - Os artistas	11
2.3 - O desejo de consertar, construir e tocar	12
MAPA II	15
3.1 - Habilitação em Escultura	15
3.2 - Dos projetos no ICB	18
3.3 - Presépio do Pipiripau	20
MAPA III	22
4.1 - A Licenciatura e as suas provocações	22
4.2 - Os estágios, encontros e desejos	25
4.3 - Professor, artista e propositor	35
CONSIDERAÇÕES REFLEXIVAS	45
REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO¹

“Ainda não sabia do mapa, mas já fazia roteiros e buscava rotas.

Fazer roteiros e buscar rotas não é desenhar um mapa.

É vasculha-los mesmo antes de saber dos seus limites.

[...] É tentar montá-lo para que ele possa vir a ser desenhado”. (Pimentel; Lucia, 1999, p. 19)

Ainda que eu não houvesse realmente desenhado um mapa sobre um papel, e traçado sobre ele todos os meus, receios, aspirações, conquistas e questionamentos; em minha vida sempre existiu um tipo de mapa esboçado por minha mente, com rotas que me localizavam em determinados pontos, me comparando com outros no qual já estive, ao mesmo tempo que tentava me projetar num futuro que nem sempre conseguia imaginar. É como se fosse uma busca constante de direção, de um caminho, que de tão pensado, às vezes tornava-se real.

Essa preocupação de me localizar, de entender a forma como me construo como sujeito, me levou a pensar em minha trajetória como estudante, desde o ensino infantil até agora, nessa graduação. Sendo assim, procuro destacar alguns pontos que considero importantes, que de alguma maneira contribuíram para esta formação, uma cartografia percebida e

¹ Todas as imagens do presente trabalho foram elaboradas pela autora, com exceção de algumas que seguem devidamente identificadas.

construída pelo meu processo de criação na habilitação em Escultura, e agora mais recentemente na Licenciatura de Artes Visuais.

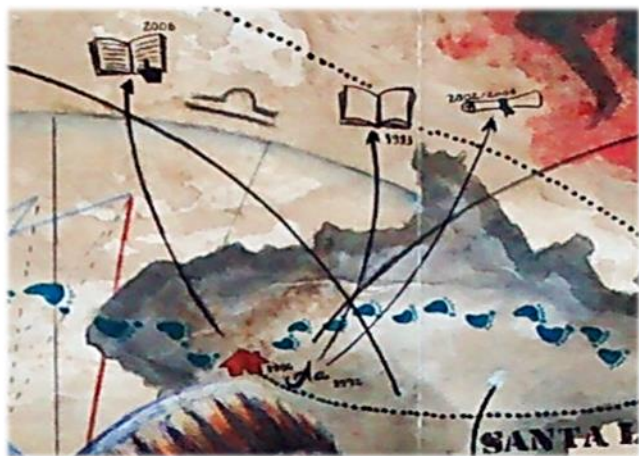
A ideia do mapa, os possíveis deslocamentos entre a cidade de Santa Luzia, onde moro e a Universidade compõem o meu caminho de ir e vir, impactando no meu processo formativo, artístico-estético e pessoal, algo que trago aqui como partilha e reflexão.

Segundo Lucia Pimentel (1999), um mapa “precisa estar sempre sendo re-desenhado” ele “nunca estará pronto” (p. 173). Desse modo, selecionei algumas histórias vividas por mim em tempos escolares, da universidade e estágios durante o curso de Licenciatura, as dividindo em pequenos fragmentos de um mapa que está sempre em constante transformação. São histórias curtas onde a ação do rememorar tem um papel fundamental. São histórias inspiradas no conceito de mônadas como proposto por Walter Benjamin (1985).

Para Maria Galzerani Bovério “(...) mônadas ou miniaturas de significados são centelhas de sentido, que podem ter a força de um relâmpago.” (Bovério, 2005, p.62) Desejo que as histórias, aqui narradas possam chegar em cada um de vocês como “centelha de sentido com a força de um relâmpago”.



Imagem 1: Cartografia Artística (Iniciada em 2/2016) 66cm X 95cm- Ilustração sobre papel preparado



2. MAPA I

“Há que se ter o peso do interior e o limite do exterior.

Há que se saber das flechas lançadas e recebidas. Das linhas traçadas e apagadas.

Há que se saber o desenho para delinear o mapa.” (Pimentel; Lucia, 1999, p. 35)

Nesse Primeiro Mapa, estão narrativa de um tempo que vivi antes da minha primeira graduação na UFMG. Cada história aconteceu em um determinado momento da minha vida, e hoje ao lembrá-las, percebo o quanto foram essenciais, contribuindo e de alguma maneira me direcionando para o universo artístico.

2.1 - O caderno, os desenhos e as letras

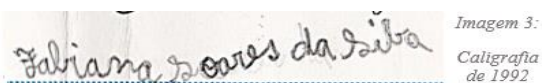
Da infância, lembro do estojo de madeira, da mochila jeans, da sala de aula cheia de carteiras, das filas infinitas que tínhamos que fazer para qualquer deslocamento dentro e fora da escola, o uniforme com a conga azul e a cantoria do Hino Nacional com o hasteamento da bandeira nacional em dias especiais.

Trago também desse tempo as atividades “mimeografadas” que deixavam um cheiro forte de álcool na sala de aula. Era um cheiro que eu achava que não combinava

com a escola. Talvez combinasse muito mais com o posto de saúde que ficava próximo da minha casa. Além das atividades comuns de alfabetização daquela época, recordo-me bem do caderno de caligrafia, que tinha como objetivo melhorar a escrita, e investir na coordenação motora.

Hoje ao repensar sobre esse tempo, penso que a escrita foi a minha primeira tentativa de desenhar no universo escolar. Eu gastava horas com esse caderno. Desenhava com as letras, para cá e para lá. Para cima, para baixo, para o lado. Algumas ficavam mais redondas, outras mais quadradas e outras muito tortas e saíam para fora das linhas.

Era um desafio para mim. Buscava modelar as letras, reproduzindo-as por meio da observação e da prática, tentando não ultrapassar os limites das linhas, fazendo-as legíveis e esteticamente bonitas. Acho que é desse tempo que penso que a escrita também poderia ser desenho. Pois quando eu escrevo e desenho deixo as minhas marcas sobre o papel.



Madalena Freire (1996) fala que registrar é deixar marcas. Talvez, intuitivamente eu estava tentando deixar as minhas marcas, de uma história vivida na infância, através do movimento de desenhar letras, onde traço a traço começo a perceber também que poderia construir outras imagens.

É desse tempo que cada vez mais o ato de desenhar começou a me encantar. Livros infantis e as revistinhas em quadrinhos que minha mãe trazia do seu trabalho, eram coisas

que me interessavam, me davam um imenso prazer de olhar, além de me impulsionar a desenhar.

Recordo-me que incessantemente por vezes, eu tentava reproduzir alguns desenhos que via nesses livros, em um processo que no primeiro momento consistia numa cópia, onde eu colocava a folha em branco por



Imagem 4: Ilustração antiga, da minha infância

cima do desenho original, e em seguida contornava a lápis a imagem que via através dela. Posteriormente esse processo se transformou num desafio de observar a imagem original, e reproduzi-la em diferentes tamanhos e suportes.

Fui descobrindo em casa, sozinha, um jeito de me aproximar das imagens, algo muito diferente do que acontecia na escola, onde não existia um incentivo de criação artística,



Imagem 5: Desenho mimeografado do Ensino Fundamental

ou seja, não exercitávamos a prática. Apenas recebíamos desenhos mimeografados para colorir, como forma de recompensa por um bom comportamento, como brinde no cantinho das folhas de atividades, ou como decoração e/ou lembrancinhas de datas comemorativas.

2.2 - Os artistas

É desse meu tempo do Ensino Fundamental e Médio o meu contato com a Arte de maneira diferente. Durante dois anos os meus interesses ficaram bastante focados na disciplina de Educação Artística, matéria que abordava conteúdos teóricos e alguns processos de criações.

Infelizmente e para minha tristeza, essa aula acontecia uma vez por semana. Porém, apesar do pouco tempo, algumas atividades foram desenvolvidas, das quais lembro-me vagamente dos seguintes assuntos: artistas renascentistas, barroco, perspectiva, mosaico, bordado, quadrinhos, impressionismo, pinturas, caderno de datas comemorativa dentre outros que no momento não me vem à memória. Adorava a ideia de poder me aproximar do universo artístico, que era algo tão desconhecido para mim.

Incentivada pelo olhar atento, cuidadoso e acolhedor da minha mãe, segui a minha trajetória. Além dos desenhos em cadernos, eu também tinha muitos outros organizados em pastas, permitindo uma forma diferente de olhar, folhear e preservar.

Naquela época, na biblioteca da escola, além de pesquisar na inesquecível Enciclopédia Barsa e Atlas Mundi, havia em mim um gosto muito grande por folhear, ler e observar com bastante entusiasmo livros de Artes, quadrinhos, revistas e afins. Foi assim, que vi pela primeira vez as obras de Leonardo Da Vinci, Sandro Botticelli, Monet e Antônio Francisco

Lisboa. Artistas como Carybé, Julio Hübner e Carlos Passos, conheci por meio de catálogos de artes também trazidos por minha mãe, algum tempo depois.

2.3 - O desejo de consertar, construir e tocar

Com o passar do tempo, o ato de desenhar tornou-se mais frequente para mim. Produzia imagens principalmente de figura humana, tentando retratá-las de maneira mais próxima possível do real, atentando para proporção e uso das cores.



Imagem 6: Ilustração da pasta de desenhos

Nessa época comecei a sentir falta de algo mais, e provocada pela curiosidade de vivenciar a prática de esculpir, comecei a produzir pequenos objetos e esculturas, além de realizar alguns reparos em objetos que inicialmente eram de uso doméstico.

Nas esculturas havia um desejo de consertar, construir, de tocar e sentir a matéria se transformando. Trabalhava com materiais que tinha a disposição, que normalmente eram da construção civil, pelo fato do meu constante contato com ambientes em construção.

Posteriormente, aos poucos ainda como principiante e aprendiz arriscava fazer modestos reparos em pequenas esculturas religiosas, além de desenvolver trabalhos de cunho artístico para a igreja da comunidade onde morava como cartazes e decorações para o altar. Auxiliava também a minha família, na montagem anual dos presépios.



*Imagem 7: Wollace (anterior à 2007)
28cm X 20cm
Escultura de Cimento, areia e gesso.*

É desse tempo que o desejo de consertar, construir, refazer e emendar foi cada vez mais tomando conta de mim, transformando-se num desejo de seguir pelo caminho artístico. Assim, chego na Escola de Belas Artes da UFMG. Não sabia ao certo por onde ir e o que escolher dentro de tantas

opções que a escola me oferecia. Entendia que existia em mim um fascínio muito grande pela área da restauração, provavelmente despertado pelo meu constante contato com ambientes religiosos. Porém, sigo pelo curso de Artes Visuais com habilitação em Escultura.



3. MAPA II

“Existe algo que move o artista numa direção e, mesmo sem saber qual, ele vai. Mesmo sem entender o que o move - mas move - ele vai e faz daquilo uma continuidade; faz daquilo um projeto; faz daquilo uma vida.” (Albano; Angélica, 1998, p.48)

Inspirada na citação de Ana Angélica Albano, sem saber o que me moveu naquele tempo, arrisco e início o curso de Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais, onde me deparei com uma série de possibilidades, e caminhos artísticos, que perpassavam pelas habilitações de Desenho, Escultura, Gravura, Pintura, Artes Gráficas e Licenciatura. No entanto, após algumas experiências, entendi mais claramente que existia em mim um forte desejo e necessidade de construir coisas no tridimensional, de entender como acontecem essas transformações, foi aí que enxerguei na habilitação de escultura a oportunidade de vivenciar essas práticas, que foram acrescentadas por estágios não obrigatórios ligados à UFMG.

3.1 - Habilitação em Escultura

Foi nesse percurso que compreendi que o que mais me interessava era o processo de construção da obra, o período entre a concepção da ideia e sua finalização, onde crio uma

conexão entre a imaginação e a possibilidade de realização, rascunhando, rabiscando, escrevendo, e posteriormente, junto com a materialidade a ser trabalhada, os improvisos e as técnicas, busco desenvolver o projeto pensado começando assim:

“Começamos fazendo esboços, depois traçamos um desenho e em seguida fazemos um modelo, para então chegar à realidade – vamos ao espaço em questão –. Voltamos mais uma vez ao desenho.”
(Sennett; Richard, 2009, p. 52)



Imagem 9: Projeto gráfico, estudo de proporção em argila e Processo de construção física da obra Ornamento.

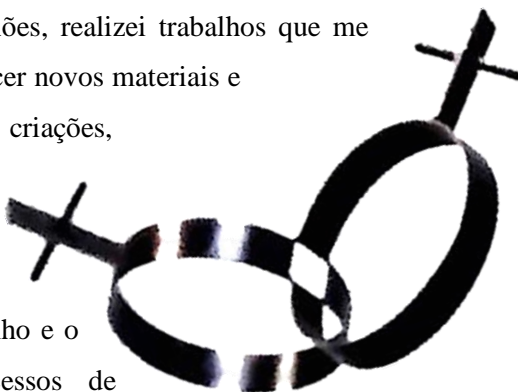


Imagem 10: Obra Ornamento finalizada (2016), 60cm X 40cm, espessura 4cm – Talha em madeira

Criando os esboços, consegui tirar alguns projetos do campo das ideias, e com isso tive a oportunidade de experimentar vários materiais (metal, madeira, cerâmica, papel mache, gesso, resina). Alguns dialogavam com as minhas ideias, outros não, porém tive todos como desafio,

especialmente minhas propostas artísticas com elementos naturais, que me levaram a improvisar na tentativa de resolver questões referente a forma, composição e a adequação do espaço para produção.

Os meus trabalhos artísticos desenvolvidos na escultura sempre me causaram uma certa inquietação, pela busca constante de tentar construir a obra pensada. Alguns deles se iniciaram a partir de reflexões e questionamentos, ora mais íntimas, “eu sujeito como me vejo ocupando esse espaço”; em outro momento “meu desenho como objeto”; e um terceiro, onde o objetivo é construir uma obra referente a algo que admiro e, aos meus olhos, é lindo e desafiador. Com base nessas reflexões, realizei trabalhos que me permitiram conhecer novos materiais e possibilidades de criações, e também a perceber e organizar melhor o espaço de trabalho e o tempo nos processos de criação.



*Imagem 11:
Elos (2014), 60 cm X 40cm
Escultura em metal*

Ainda nesse intenso processo de formação na escultura, inicio o percurso na Licenciatura em Artes Visuais, objetivo que se fortaleceu durante os estágios como bolsista no ICB-UFMG e no Museu de História Natural da UFMG, ocorridos na mesma época.

3.2 - Dos projetos no ICB

O estágio no Departamento de Embriologia no Instituto de Ciências Biológicas (ICB-UFMG), foi extremamente gratificante pelo aprendizado e desafios, além da oportunidade de unir minhas habilidades em escultura à prática de ensino.

Durante esse estágio, tive contato direto com peças de estudos em gesso, produzidas no Laboratório de Apoio Didático de Embriologia (LADE). A minha atuação, no início, consistia somente em acabamentos finos, mas posteriormente, tive a oportunidade de fazer pequenas modificações e produzir novas peças sob a orientação da professora coordenadora do projeto. Ela expunha as suas ideias, me explicando o contexto que envolvia as tais peças, e o que elas deveriam representar. Juntas rascunhávamos as ideias, e posteriormente eu apresentava para ela por meio de um estudo mais detalhado, o projeto gráfico com cores, dimensões e observações. Após esse processo eu iniciava a construção das peças.



Imagem 12: Fragmento do projeto gráfico e da peça finalizada para o LADE (ICB-UFMG)

Imagem 13: Processo de modificação e pintura em peça do Laboratório de Apoio Didático de Embriologia – ICB-UFMG



Por ter um melhor domínio sobre os procedimentos de construção, acabamento, e também sobre a utilização das ferramentas e materiais, durante um bom tempo fui referência para os demais estagiários, ficando responsável inclusive pelo treinamento de novos alunos que chegavam no projeto. Também era uma das responsáveis pela inspeção de qualidade das peças durante sua feitura até o momento que fossem embaladas.

Destaco o estágio no ICB, como um espaço de grande aprendizagem e troca. Aprendizagem que me fez cada vez



Foto: Autor desconhecido

Imagem 14: Momento de Ensino/Aprendizagem no LADE (ICB-UFMG)

mais pensar e refletir em uma situação de ensino/aprendizagem em arte. Assim também foi com o estágio no Presépio do Pipiripau.

3.3 - Presépio do Pípiripau

Durante esse estágio que ocorreu dentro do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, tive a oportunidade de trabalhar diretamente com um dos patrimônios históricos culturais mais venerado de Minas Gerais,



Imagem 15: Processo de replicagem dos personagens danificado

conhecendo um pouco mais a respeito da sua história e as engrenagens que o faz funcionar. A principal atividade que me cabia era a produção de réplicas de alguns personagens, que danificados pela ação do tempo não poderiam retornar para a composição do presépio.

A participação nesse projeto também me possibilitou aprender um pouco sobre alguns termos tratados na área de restauração, como o processo de documentação científica por imagem; higienização, armazenamento e conservação de objetos históricos; consolidação de suporte, reintegração cromática e montagem cenográfica, que foram atividades que também desenvolvi nesse período.

Foi nesses dois estágios que não eram da Licenciatura, que me aproximei mais ainda do campo da Educação e das Artes. Ambos me abriram portas e janelas, me apresentando um horizonte de possibilidades, reforçando o meu desejo de seguir uma nova rota através da Licenciatura em Artes Visuais.



4. MAPA III

“No emaranhado de novelos à minha volta, procuro os fios para minha tessitura.

Muitas são as cores, muitas as texturas.

A escolha não é fácil, como não é a vida, como não é a escola na vida, como não é a vida na escola.

São minhas as mãos, nem sempre meus os fios.” (Pimentel; Lucia, 1999, p. 17)

Diante dos possíveis caminhos percebidos durante os estágios não obrigatórios, decido também seguir pela Licenciatura. Esse contato se inicia antes mesmo da minha formação em Escultura.

As provocações, reflexões e discussões promovidas pelas disciplinas da Licenciatura, me levaram a repensar o Ensino de Arte de uma maneira diferente, comparando-o particularmente, de como ele aconteceu para mim no Ensino Básico. Levo em consideração também as observações durante o Estágio Supervisionado e Obrigatório que faz parte do curso de Licenciatura, assim como as oficinas realizadas durante esse percurso.

4.1 - A Licenciatura e as suas provocações

Disciplinas como Sociologia da Educação, Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-Brasileira, provocaram em mim



*Imagem 17: Negra (2015)
66,5cm x 49cm
Colagem e pigmentos diversos
sobre suporte preparado*

reflexões ligadas às diferenças sociais, crenças religiosas, política e questões raciais. Esta última por sua vez me levou a repensar alguns dos meus trabalhos, acrescentando à ele um discurso que vai além da beleza estética dos mesmos.

Revisitei minhas obras em Assemblagem, percebi que no início, as inspirações vinham apenas de referenciais imagéticos e artísticos (Vik Muniz, Andy Goldsworthy, Farnese de Andrade, Bernard Pras), consistindo somente numa representação estética, construídas por meios de colagens de elementos diversos. E em uma reflexão mais profunda, essas mesmas criações, passam a ser um questionamento acerca da identidade, onde eu mulher negra, busco através dessa prática uma representatividade

estética do negro como sujeito central. Procuo desenvolver imagens expressivas e construí-las da maneira mais suave possível, dissociando-as das imagens pesadas dos livros de história, onde a presença do negro se faz por uma participação secundária, de cenas que tratam atividades braçais, e/ou a inferiorização do mesmo.

Assim, a ideia de representar pessoas negras por meio da assemblagem, deixa de ser algo somente de apreciação estética, e passa a ganhar também outros significados, como a criação e composição de imagem a partir da incorporação de materiais diversos, principalmente dos elementos naturais, que terão ali uma utilidade diferente da sua funcionalidade original. No decorrer do curso esse fazer artístico se desdobra para uma Proposta em Ensino de Arte, que consigo desenvolver em algumas oficinas, sobre as quais falo logo mais no meu texto.

Preocupações referentes a acessibilidade e inclusão escolar foram abordados nas disciplinas de Política Educacional, Fundamentos de LIBRAS, Psicologia da Educação, Didática de Licenciatura e Laboratório de Licenciatura, dentre outras reflexões que me provocaram a pensar sobre como seria a atuação docente. No entanto, foi nas disciplinas de Estágio de Artes Visuais, que pude de fato ligar a teoria dos conteúdos estudados à prática dentro da sala de aula.

A disciplina de estágio se divide em três semestres, nomeada como Análise da Prática e Estágio de Artes Visuais I, II e III, ocorrem durante o período letivo. Ela consiste em

proporcionar ao estudante de Licenciatura em Artes Visuais, sob a orientação do professor(a) regente da disciplina, a experiência de ter um contato direto com o Ensino de Artes dentro do ambiente escolar, sendo ela pública ou particular.

Em cada Estágio o estudante tem focos diferentes: 1ª Observação/contato inicial: conhecimento do espaço do campo de estágio, assim como das pessoas que o compõe; 2ª Observação participante: acompanhamento em sala de aula dos trabalhos desenvolvidos no campo de estágio; 3º Regência: momento em que o estudante organiza e conduz uma atividade planejada levando em consideração as experiências dos estágios anteriores.

Em todos os estágios, se faz necessário uma produção escrita com observações feitas durante os estágios, a fim de serem dialogadas nos encontros com o professor(a) regente da disciplina, onde discute-se também ações pedagógicas.

4.2 - Os estágios, encontros e desejos

Tive a oportunidade de estagiar em uma escola da rede estadual e duas escolas da rede municipal de ensino, todas na cidade de Santa Luzia. Acompanhei 4 professores em diferentes momentos de atuação. Conheci algumas realidades que antes não havia tido contato, como por exemplo a presença de alunos com deficiência em sala de aula, suas dificuldades de comunicação, acessibilidade no espaço escolar e no que se

refere ao apoio durante as aulas. Nessas vivências pude acompanhar atividades dentro e fora de sala de aula, e em alguns momentos também conduzir algumas atividades pré-definidas.

Cada uma das disciplinas de Análise da Prática e Estágio de Artes Visuais I, II e III, propuseram a elaboração de uma cartografia/mapa físico do campo de estágio que seria apresentada no final de cada semestre. O intuito é que desenvolvêssemos de preferência artisticamente, um projeto cuja elaboração era livre, podendo ser utilizado para estes quaisquer recursos de mídia, plasticidade artística (pintura, desenho, escultura, fotografia, etc.), e até mesmo escrita. Entretanto, as cartografias deveriam contemplar nossas experiências nesses espaços, baseando-se nas observações quanto a localização, ambiente estrutural interno e externos, e também percepções referentes ao ensino-aprendizagem em Arte. Pois, para Escolano (2001), o meio no qual a escola está inserida, assim como as pessoas que por ali transitam, juntamente com seus hábitos e costumes incidem de alguma maneira no funcionamento desse espaço. Segundo ele,

A localização da escola é por si mesma uma variável decisiva do programa cultural e pedagógico comportado pelo espaço e pela arquitetura escolares. A proximidade à natureza e à vida postulada pelos institucionistas favorece, entre outras ações e estímulos, o jogo em liberdade, o ensino ativo, a utilização didática do entorno, a contemplação

natural e estética da paisagem, a expansão do espírito e dos sentimentos, o desenvolvimento moral...(ibidem, p. 4).). De modo definitivo, o urbanismo e a arquitetura ofereceriam assim uma completa cobertura para alcançar as finalidades da educação, passando a ser parte do programa pedagógico. (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 32)

4.2.1 – O objetos como modos de dizer-se

Após tantos anos sem frequentar esses espaços, os estágios significaram o meu reencontro com o ambiente escolar. A responsabilidade de perceber esse lugar através de um olhar diferente. “Ser professor” é uma profissão de contato constante com pessoas, lugares e situações diversas, não existe uma receita pronta, é um caminho repleto de escolhas e experiências, algo que está sempre em construção. São desafios, sobre eles no Ensino de Arte, Lucia Pimentel (2008) diz,

O ensino de arte deve ir além da inteligência e percepção já instituídas. É necessário trabalhar um outro nível de pensamento. Ao se lidar com a arte, lida-se não somente com conhecimento específico, com sensibilidade e com emoção, com identidade e com subjetividade, mas também e certamente com o pensamento em outro nível que não é comumente utilizado no dia-a-dia na escola. (p. 9)

Desse modo, vinculo a cartografia dessa primeira etapa de estágio, a algo que está sendo descoberto (ser professor), e redescoberto (escola e o ensino através do olhar de uma futura docente). Tento levar a minha prática em escultura, associando-a a algo que pudesse ser manuseado e investigado, ao mesmo tempo, provocar um movimento no olhar e pensamento do observador, afim de encontrar a melhor combinação das imagens. Procurei ilustrar alguns espaços físicos da escola, sua localização, assim como as pessoas que a frequentam, e também alguns momentos que os alunos desenvolvem atividades de artes. Essas representações acontecem em 2 objetos, que montam e remontam tais espaços através do jogo das imagens.



Imagem 18: Cartografia Estagio I

A ideia surgiu a partir de observações da estrutura da escola, e das atividades pedagógicas desenvolvidas nas aulas de artes, que se esticavam por várias semanas em uma intensa busca entre os conhecimentos práticos e teóricos. Segui por

esse caminho quando trago em registro as minhas observações, e as capturas que consegui, reveladas na construção de pequenas engenhocas.



Imagem 19: Cartografias – Estágio I

Ao refletir sobre a minha caminhada nos estágios lembro de Ana Mae Barbosa com a sua Proposta Triangular elaborada no final dos anos 80, que diz que os conhecimentos práticos e teóricos devem caminhar juntos, pois se completam, uma vez separados o conteúdo a se desenvolver poderá perder a força. O fazer, o fluir e o contextualizar, devem possuir a mesma relevância. A necessidade do fazer, assim como as referências textuais e imagéticas se fazem necessários para uma melhor fixação do conteúdo tratado. Ainda nesse contexto, Barbosa (1998), relacionará a “anemia teórica”, ou

seja, escassez dos conteúdos em Arte como fator resultante de situações improdutivas das aulas de artes, assim como o despreparo dos educadores,

Em minha experiência, tenho visto as artes visuais sendo ensinadas principalmente como desenho geométrico, ainda seguindo a tradição positivista, ou a arte nas escolas sendo utilizada na comemoração de festas, na produção de presentes estereotipados para os dias das mães ou dos pais e, na melhor das hipóteses, apenas como livre expressão. A falta de preparação de pessoal para ensinar artes é um problema crucial, levando-nos a confundir improvisação com criatividade. A anemia teórica domina a arte-educação, que está fracassando na sua missão de favorecer o conhecimento nas e sobre artes visuais, organizado de forma a relacionar produção artística com apreciação estética e informação histórica. (p.17)

Dessa forma, penso que a Arte, a experiência de estágio, não pode ser reduzida a um fazer vazio, ou a uma teoria carente de referências. É importante a apresentação de seus conceitos munidos de seus referenciais artísticos e técnicos, juntamente seguidos de contexto histórico, culturais e ideológicos. Larrosa (2003), me provoca a pensar o estágio como experiência formativa. Uma experiência que é uma chamada para abrir-se para a escuta, para o encontro com o outro em busca de sua própria voz, um caminho autêntico e singular.

4.2.2 - Jogar luz para espiar o de dentro e o de fora

Um outro foco no segundo estágio são as pessoas que estão na escola, que passam por lá todos os dias. Elas as vezes se relacionam entre si e algumas vezes com o ambiente. Nesse momento do encontro com as pessoas na escola comecei a utilizar a fotografia como possibilidade de registro e como meio de documentar. Segundo Kossoy (1980),

“Toda fotografia é um resíduo do passado. Se por um lado, ela nos oferece indícios que permitem o levantamento e análise dos vários elementos que lhe deram origem em determinado espaço e tempo num dado momento histórico, por outro lado, sua imagem, segundo os valores que enfatiza, constitui-se sempre no ponto de partida de um processo gerador de inúmeras possibilidades de interpretações e aplicações em áreas específicas das Ciências e das Artes” (p.13).

Dessa maneira, destaco que o ato de registrar me acompanhou principalmente durante o curso de Licenciatura, possibilitando-me a oportunidade de repensar situações vivenciadas no campo de estágio e discuti-las em grupo acompanhado da professora regente da disciplina. Registrar e documentar, o meu tempo nas escolas como estagiaria em conexão através da fotografia foi uma possibilidade e talvez o maior achado do estágio, que gostaria de trazer aqui para reflexão. Aponto as fotografias como uma forma de registro e



documentação que vai além da palavra. Ao pensar e olhar para o cotidiano que as imagens me revelam vou dando visibilidade as pessoas, oportunizando de maneira ímpar, um outro jeito de tornar visível o que acontece na escola. Um jeito de trazer pelas imagens, o processo vivido. Um jeito de reconhecer-se e afirmar autoria. (Ostetto, 2017)

O objeto escolhido naquele momento era algo semelhante a um monóculo, que visava atrelar as imagens registradas por mim à proposta de atividades de artes da professora que acompanhei durante esse período.

As imagens foram registradas e tratadas individualmente por meio de um dispositivo móvel, buscando enquadramento e efeitos diversos, e suas sequências foram organizadas de modo a sugerir uma narração que acontece de fora para dentro da escola.

*Imagem 20: Cartografia
Estágio II*

As imagens podem ser visualizadas por meio de uma lente fixada no objeto, e manipuladas por manivelas em suas laterais. A ideia é sugerir algo que está sendo “espiado”, nesse caso a minha posição de estagiária observando a escola como um todo. Também houve o desejo de instigar o observador a descobrir como funciona o objeto; por isso o fato do seu interior ser escuro e de imediato não permitir a visualização das imagens. Foi intencional. O observado é convocado a iluminar aquele espaço para também poder espiar aquele lugar, o que sugere um sentido poético de jogar luz nesse espaço, e deixá-lo ser visto, ou seja, jogar luzes nas escolas, deixá-las serem vistas, percebidas.

4.2.3 – Dos possíveis deslocamentos

A questão do deslocamento, tempo e espaços percorridos entre a minha casa que fica em uma outra cidade, distante do centro de Belo Horizonte, e conseqüentemente longe da Escola de Belas Artes da UFMG onde eu estudo, foi algo que consumiu boa parte do meu tempo durante a graduação. Onde percebo das idas e vindas, os pontos de ônibus, o trânsito pesado e o corre-corre para não atrasar. E do cansaço que chega, as horas que passam rápido e o tempo que não é suficiente mais.

Movida por essa percepção trago para meu trabalho plástico do estágio III a construção de um objeto que ilustra

um pouco da minha rotina e rota durante esse período, juntamente trago para este, registros de atividades, e trabalhos elaborados em sala de aula, feitos pelos próprios alunos do campo estágio.

O objeto é composto por três partes cartográficas, que contém aberturas secretas, janelas e dobras escondidas em pontos estratégicos evidenciando de fato algo que aconteceu por ali, em sua grande maioria processos vividos durante as aulas, mas podendo ser também projetos e espaços da escola. O objeto cartográfico é guardado cuidadosamente

em uma maleta improvisada, estampada com trabalhos doados pelos próprios alunos. Apresentei esse objeto como avaliação do meu processo vivido e experienciado durante o estágio III.

Durante este tempo na escola pude perceber um esforço enorme do professor de Arte para envolver os alunos nas propostas das aulas, ainda mais com o agravante de ter poucos recursos e materiais. No caso das aulas de artes o



Imagem 21: Cartografia Estágio III

tempo é curto, e a situação se complica ainda mais quando não se tem espaço/sala, mobiliário adequado, materiais e interação dos alunos. Sobre essas dificuldades inclusive acerca dos materiais didáticos, Loyola (2016) diz,

Mas essa é uma questão que também diz respeito à possibilidade de pensar e produzir os materiais de acordo com as estruturas disponíveis. É difícil para o Professor pensar e levar experiências e estímulos de criação para os alunos em salas de aula convencionais, em aulas de cinquenta minutos. Nessas condições, o Professor se vê induzido a conformar ideias, proposições e ações e a restringir possibilidades de uso de materiais, se limitando, muitas vezes, a exercícios em papel sulfite, tamanho ofício, com cada aluno em sua carteira. (p.91)

Diante disso, durante o percurso na licenciatura, nós, graduandos, somos incentivados a desenvolver atividades planejadas e também materiais didáticos para apoio em aulas de artes, o que ocorreu principalmente nas disciplinas de Laboratório de Licenciatura I e II, que compreendem o mesmo período dos estágios.

4.3 - Professor, artista e propositor

Tive a oportunidade de desenvolver propostas e experimentações baseadas em alguns trabalhos artísticos

elaborados por mim, e coloca-las em prática por meio de oficinas realizadas em ambientes escolares. Destaco aqui a Proposta de Assemblagem e a Experimentação Visual. São experiências que não fazem parte do estágio obrigatório, mas que compõem o meu processo formativo com a arte na escola.

4.3.1 - A Assemblagem²

As minhas criações em Assemblagem são compostas por elementos diversos, principalmente a partir da seleção cuidadosa de alguns que recolho da natureza, como galhos, folhas, sementes, carvão e terra. Porém as imagens se constroem também por meio da utilização de materiais da construção civil, como cimento, massa corrida e gesso, além do uso de materiais comuns de arte. O objetivo é texturizar a imagem, dando-a aspecto bidimensional, além das formas, cores e composições causadas pelo acúmulo dos elementos utilizados.

A escolha pelas imagens retratadas nesses trabalhos é bem pessoal e ligadas a identidade. Porém a ideia que mais me

² Assemblagem ou *Assemblage* é um termo que começou a ser reconhecida no meio artístico a partir 1953 através do artista Jean Dubuffet (1901-1985). A característica da técnica de assemblagem diz-se da estética da acumulação, e sua construção aceita qualquer tipo de material. ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Assemblagem. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/assemblage>> Acesso em: 26 de novembro de 2018.

interessou em levar para a prática dessa proposta em arte, foi a de que a obra de arte pode acontecer de diferentes maneiras, com a utilização de materiais variados, fortalecida pela ideia que Clébio Maduro, enfatizada no documentário professor-artista,

Precisei fazer uma série de exercícios com monotipia, com desenhos, simplificar a forma, a maneira de trabalhar para deixar claro também para eles que não é por causa de material, de não ter material que você não possa trabalhar. Vamos fazer tinta, mas como vamos fazer tinta? Vamos comprar o pó xadrez e fazer a tinta aqui! Você tem que criar fórmulas para que não usem isso como justificativa para não produzir (Depoimento série Professor Artista). (Loyola, 2016, p. 69)

Dessa maneira orientei que os alunos desenhassem com os elementos da natureza a imagem da casa onde moram. Procurei desenvolver os seguintes objetivos na atividade:

- a expressão por meio de obras artísticas bidimensionais;
- a utilização de materiais disponíveis de forma criativa;
- o reconhecimento dos elementos, meios e técnicas de preenchimento e composição de imagem;
- a interação entre alunos quanto a observação de todos os trabalhos, identificando as diferentes formas do fazer artístico.

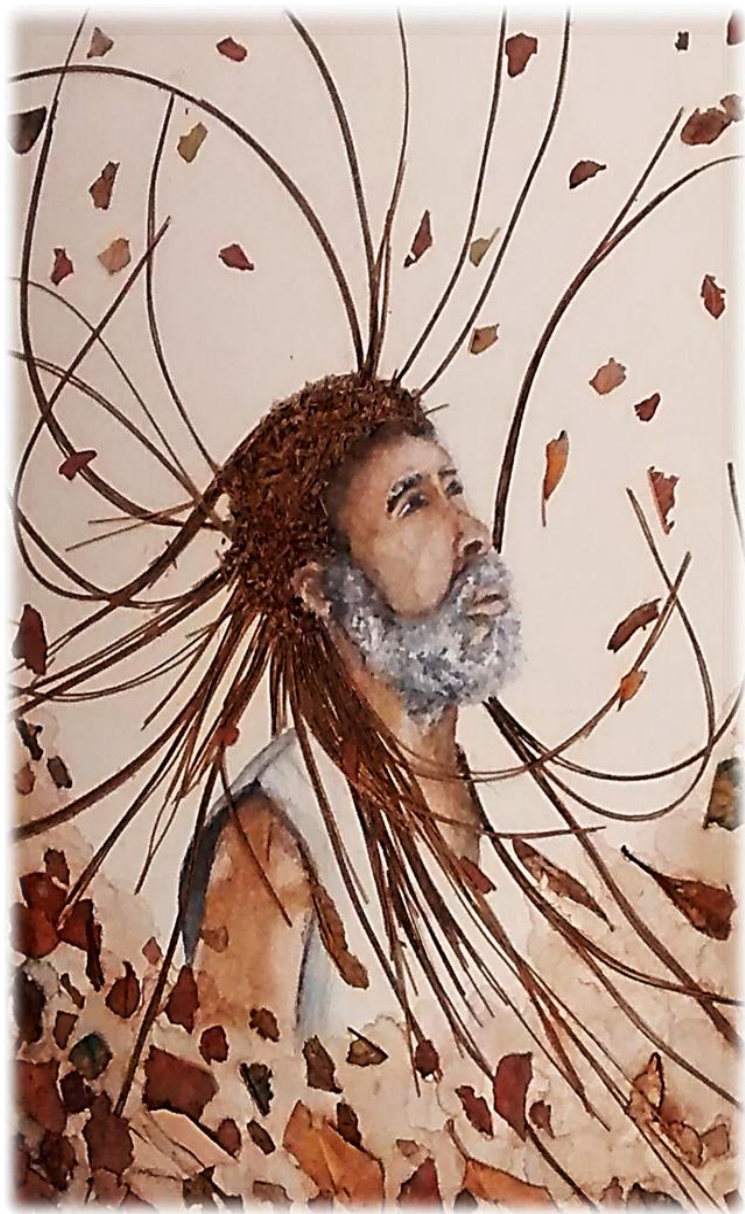


Imagem 22: Sem Título (2015) Colagem, aquarela e outros pigmentos sobre suporte preparado 28cm x 19,5cm

Seguem-se algumas fotografias registradas por minha amiga de curso, Daniella Gonçalves Caixeta.



A oficina foi realizada com alunos do início do ensino básico, no 1º semestre de 2017, atendendo ao convite da Daniella, que também foi minha parceira durante a atividade.

Imagem 23: Fotos durante a oficina

4.3.2 – Experimentações Artísticas

Ainda sobre ser professor propositor de ideias, apropriando-me de materiais alternativos para desenvolvimento de atividades artísticas, elaborei a oficina de “EXPERIMENTAÇÃO VISUAL”, dentro da disciplina de Laboratório II, no 1º semestre de 2018.



Imagem 24: Dispositivo para experimentação visual

A idealização desse material didático se iniciou a partir de reflexões sobre o uso da cor e distorções na produção de imagens, dentre outros questionamentos e observações acerca dos avanços tecnológicos, que me incentivaram a pensar sobre o uso de filtros coloridos principalmente por meio da fotografia.

Nos dias atuais a fotografia tirada e revelada, tende a passar por tratamentos, através de programas que prometem amenizar, apagar e/ou substituir os “defeitos indesejados”, ou até mesmo produzir efeitos que visam deixá-la mais interessante. A liberdade que esses equipamentos e acessórios nos dá de fazer quaisquer manipulações antes da impressão da imagem, sem dúvida é um progresso, e nos oferece muitas possibilidades de criação. Segundo Loyola (2016),

Essas questões são importantes para serem consideradas pelo Professor de Arte ao pensar em materiais didático-pedagógicos e-ou estratégicas de uso de tecnologias no ensino-aprendizagem. A tecnologia é um fenômeno amplamente inserido no cotidiano das pessoas e avança continuamente, incidindo no ambiente escolar e em todas as áreas da sociedade, o que implica no surgimento de novos modos de se pensar e construir conhecimentos. (p.32)

Foi pensando nisso que desenvolvi uma série de "lentes" coloridas (em plástico celofane vermelho, verde, azul e amarelo), e distorcidas (plásticos de diversas espessuras e transparências, garrafas pet e acetato), afim de propor uma experiência, no qual a finalidade foi a produção de imagens a partir do uso delas. Penso que a utilização de dispositivos e/ou acessórios que saiam um pouco da plataforma digital, carregando em si uma construção manual, com materiais simples, e que permitam por meio de sua utilização observar de maneira direta, as alterações que provocam e são apontadas



Imagem 25: Óculos para experimentação visual

nas atividades práticas, colaboram de maneira eficiente no aprendizado em Artes Visuais. Apesar de levar para a atividade proposta o modelo de criação do material didático pronto, ele instiga e permite o aluno idealizar seu próprio acessório para uma criação futura.

Levo essa experiência para uma Escola Estadual em Betim, juntamente com meus colegas de curso e o professor regente da disciplina. Onde a partir de uma breve explicação usando-se de referenciais imagéticos, lanço a proposta de produção de imagens de observação, por meio do uso das lentes durante todo o processo de criação.

As lentes foram emprestadas aos alunos durante o tempo de oficina, assim como também demais materiais como tintas guache, giz de cera, lápis de cor, canetinhas, papéis coloridos, tesoura e cola.

O objetivo da atividade foi proporcionar experiências visuais de modo que os participantes/alunos pudessem perceber a influência e alterações provocadas pelas lentes coloridas e distorcidas. E a partir delas produzirem imagens de observação, utilizando-as durante todo o processo experimental.

Durante o processo de criação das imagens com o uso das lentes coloridas, foi observado a utilização das cores pelos alunos a partir do que eles estavam enxergando, em comparação as cores que realmente desejavam usar. Com as lentes distorcidas observados os materiais (lápis, giz de



Imagem 26: Momento de criação durante a oficina

cera, tinta, papéis e etc.) escolhido pelos alunos para criação, e as técnicas que utilizaram para construir as imagens de observação. Observou-se também a interação dos alunos com os materiais e dispositivos visuais apresentados. As produções finais também foram observadas com apontamentos acerca das alterações e associações com os referenciais imagéticos mostrados no início da atividade.

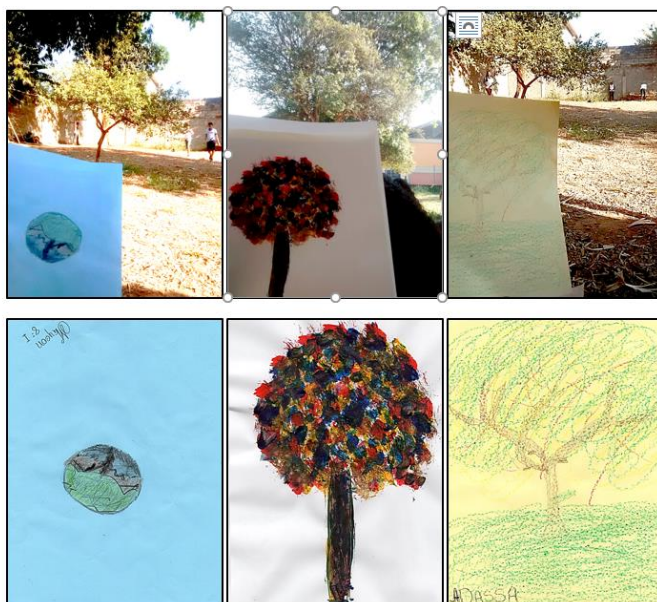


Imagem 27: Imagens elaboradas na oficina

Observações sobre a oficina

A experiência da oficina me permitiu experienciar imprevistos que podem acontecer tanto no que se refere ao espaço para trabalhar, materiais didáticos utilizados, e quanto

ao interesse, entendimento e interação dos alunos com a atividade.

Conforme o orientado, os alunos usaram os acessórios durante todo o processo, fizeram as imagens e as coloriram de acordo com o que estavam enxergando, o que foi muito legal, pois puderam perceber realmente a influência das lentes coloridas sobre as imagens e coisas que mostrei. No entanto essas percepções foram narradas por eles, por perguntas que fiz durante o processo de criação, não as percebo visualmente em todas as produções. Como dei liberdade para desenharem o que quisessem muitos fizeram desenhos de imaginação, e imagens comuns que podem seguir qualquer coloração.

Diante disso fiquei pensando estratégias diferentes para essas percepções serem visíveis na produção final. De repente, na próxima oportunidade de realizar esta oficina eu especifique algo para cada participante trabalhar, com uma coloração diferente, que só tenham acesso após colocar as lentes; ou uma atividade passo-a-passo, onde de acordo com as orientações construam a imagem.

Percebo também, a necessidade de melhoria na qualidade das lentes, usei o papel celofane, que é mais acessível e fácil de trabalhar, porém a imagem fica um pouco embaçada, de repente poderia usar um material que proporcionasse uma nitidez melhor.

As experiências vividas com os alunos nas oficinas de Assemblagem e de Experimentação Visual foram gratificantes, pude perceber coisas que funcionaram bem e as que devem e

também podem ser melhoradas. De certa forma, acrescentaram bastante, para meu pensamento sobre o material didático, e tudo que envolve um planejamento de aula: pessoas x tempo x conteúdo x espaço x materiais.

5. CONSIDERAÇÕES REFLEXIVAS

Referente às experiências de estágio, pude perceber várias situações sérias que acontecem no ambiente escolar. Presenciei brigas entre alunos, drama mais íntimo e sério de uma aluna, descoberto por meio de um trabalho de arte, e especialmente no terceiro estágio uma tragédia que resultou em morte de uma aluna da escola. Tudo isso me comoveu profundamente, e perguntas como o que fazer, como lidar com essas situações, como acolher a dor e sofrimento do outro me acompanharam por vários dias e momentos.

Também pude observar e fazer associações sobre como cada professor que acompanhei chama a atenção dos alunos para o que está sendo tratado, como buscam envolvê-los e acolhê-los, trazendo-os e desafiando-os com diferentes ideias e temas, em contrapartida, também pude observar como os alunos correspondem e se envolvem com as aulas.

Observei também que alguns professores são mais entusiasmados que outros. A impressão que tive é que alguns gostam de ser professores de Arte. Outros nem tanto assim. Alguns se envolvem mais, é onde a questão da falta de material já não é mais uma angústia. Eles mudam o seu ponto de vista e falam de um outro lugar da Arte. De um lugar que segundo Lucia Pimentel (2010), se encontra em “um outro nível do pensamento”. Falam da Arte que está em conexão direta com a vida. Falam da Arte como provocação e

investigação, como possibilidade de viver e de se organizar no mundo. (Canton, 2012).

Dentre muitos fatos que aconteceram nos períodos de estágio, destaco algumas situações e questionamentos que realmente me deixaram pensativa e me causaram uma certa preocupação em atuar na docência:

- Sobre deficiências e diferenças, qual a melhor forma de incluir uma diversidade tão grande de alunos em atividades escolares?
- Em situações onde o aluno passa por algum problema que o deixa desestabilizado emocionalmente, e leva isso para seus trabalhos de artes, como lidar com isso e cuidar para que essa exposição não agrave mais o problema do aluno?
- Se tratando do Ensino de Arte, como cativar os alunos, de maneira que eles possam realmente se interessar, e desenvolver as atividades deixando para trás esse costume de que a aula de arte é aquele tempo livre destinado ao ócio, ou para terminar atividades de outras matérias?
- E saindo um pouco da relação professor-aluno, como melhorar a relação entre profissionais que trabalham numa mesma escola?

Sei que não existe modelos e nem receitas para resolver essas situações, sei que cada instituição tem a sua realidade e particularidades que reflete e ao mesmo tempo é

reflexo de tudo que a cerca, assim como cada indivíduo que dela faz parte. Porém, essas e outras questões, vieram a partir de situações que presenciei nas escolas, e que persistira nos meus pensamentos. Como pensar em possíveis caminhos ou desdobramentos? Não sei. Continuo pensando.

Durante todo o tempo de estágio a minha vontade de criar, provocada pela escultura, manteve-se acesa e me acompanhando na licenciatura. As cartografias, que trago como material produzido durante esse tempo, conversam também com algumas reflexões sobre o ser “professor-propositor” e “professor-artista”. Ao idealizar minhas criações na licenciatura, assim como na escultura, e de alguma maneira tentar construí-las fisicamente idênticas ao imaginado, abro possibilidades de transformações e reformulações, desdobramentos antes não percebidos.

O professor-propositor cuida para que sua metodologia de ensino não permaneça em um lugar que gere comodismo na sua curiosidade de saber, assim como também não adormeça a curiosidade dos educandos. É importante que o professor-propositor em arte também seja artista e pesquisador, que tenha em si a fome constante de experimentar, buscar informações e metodologias que consigam criar diálogos entre professor e aluno, aluno e conteúdo e aluno e reflexão.

Sobre a prática de produções artísticas, associo ao que Pareyson (1984, p. 32) diz: “é um tal fazer que, enquanto faz inventa o por fazer e o modo de fazer”, é como uma produção que nasce da experiência provocadora, pois ao mesmo tempo

em que se inventa, transforma também aquele que inventa. O professor-propositor em arte deve assumir o papel de provocador. Mirian Celeste Martins (2006, p. 232), destaca que: “não parece ser da imperfeição para a perfeição, que levaria à satisfação plena de uma necessidade. São outros os percursos, pois a busca parece infinita, a obra está sempre em estado de provável mutação”. Em outras palavras, isso só reforça que a inquietude, o desassossego do professor-propositor-artista é fundamental para uma caminhada estética e artística no encontro com os alunos na escola e consigo mesmo.

Ainda sobre o período de estágio nas escolas, compreendi que as disciplinas da licenciatura, principalmente as voltadas exclusivamente para Artes Visuais, tendem a nos fazer pensar pedagogicamente sobre as metodologias de ensino, para as práticas de atividades escolares, atentando para o interesse dos alunos, espaço disponível e materiais a serem utilizados. Pois de fato, sabemos que nem todas as escolas disponibilizam de um espaço específico e adequado para o desenvolvimento das aulas de artes, assim como também não dispõe de materiais e ferramentas que visam dar suporte ao professor durante essas aulas. Tais situações nos provocam o tempo todo a assumir o nosso papel de ser professores críticos e criativos.

No encontro com as disciplinas da Licenciatura aprendi que existe uma cultura da infância escondida, velada, submersa, apontada pela artista italiana Veia Vecchi (2005,

p.46). Creio que seja uma tarefa importante, para quem trabalha com crianças, torná-la visível. Levo comigo a experiência dos estágios, a observação e a escuta que são necessários para ser uma professora e propositora de ideias. É preciso um olhar visível, aberto e sensível. Um olhar que leve em consideração as experiências vividas de cada pessoa.

Vivi e ainda vivo um processo intenso desde a minha entrada na Universidade na Habilitação em Escultura e que segue com a Licenciatura em Artes Visuais. Percebi-me ao longo dessa jornada acadêmica em um movimento intenso de trazer o tempo todo o meu fazer como artista para o espaço da sala de aula. Não é um fazer qualquer, mas, um fazer conectado na vida. Um processo criativo como elemento intenso de construção. Fica para mim a lição do dia: posso ensinar, dar aulas do jeito que eu faço esculturas?

6. **BIBLIOGRAFIAS**

- BARBOSA, Ana. **Ensino da arte memória e história.** São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FRAGO, A.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa.** Rio de Janeiro: DP& A, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALLO, Sílvio. As múltiplas dimensões do aprender. In: **COEB - Congresso de Educação Básica: Aprendizagem e Currículo**, 6 à 8 de fevereiro de 2012, Florianópolis.
- KOSSY, Boris. **A fotografia como fonte histórica: introdução à pesquisa e interpretações das imagens do passado.** Volume 4 da Coleção Museu & Técnicas de São Paulo: SICCT, 1980.
- LOYOLA, Geraldo. **Professor-Artista-professor: Materiais didático pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte.** Belo Horizonte: UFMG, 2016.
- MARTINS, Mirian. **Entrevistas: a inquietude de professores-propositores.** Santa Maria: Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 31, 2006.
- PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- Pimentel, Lucia. **Curso de Especialização e Artes Visuais**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.
- Pimentel, Lucia. **Limites e expansão: licenciatura em artes visuais**. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.
- RIZZI, Christina. Texto: **Reflexões sobre a Abordagem Triangular no ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- Site: ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Assemblagem**. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/assemblagem>> Acesso em: 26 de novembro de 2018.
- Site: PORTAL EDUCAÇÃO. **A perspectiva de Madalena Freire**. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-perspectiva-demadalena-freire/32639>> Acesso em: 27 de novembro de 2018.
- VASCONCELOS, Edmilson. As poéticas pedagógicas do artista professor. In: **16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais**, 24 a 28 de setembro de 2007 – Florianópolis/ANPAP.
- VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia: Explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância**. São Paulo: 2017.